

“Uma torcida diferente”

Raça Rubro-Negra e a ressignificação do torcer enquanto prática cultural (1977- 1985)

Juliana Nascimento da Silva *

Resumo

A presente pesquisa tem como propósito analisar a ressignificação do ato de torcer a partir das prerrogativas do surgimento do Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, fundado em 24 de abril de 1977, torcida organizada do Clube de Regatas do Flamengo, tendo como recorte temporal o ano de 1977 até 1985. Para tanto, a partir das análises de fontes, que vão desde jornais da época até a utilização da História Oral, é utilizada a trajetória da historiografia até a abordagem de cunho social das torcidas organizadas, assim como a compreensão dos torcedores enquanto potenciais consumidores e elementos necessários ao espetáculo. Sendo assim, o trabalho busca relacionar o surgimento da Raça Rubro-Negra e seu objetivo de renovar o torcer com a conjuntura do Brasil para pensar nas torcidas organizadas enquanto produtoras de cultura e de símbolos.

Palavras-chave: Raça Rubro-Negra; Flamengo; torcidas organizadas; torcedores.

Abstract

The present research aims to review the ressignification of the act of support a team from the emergence prerogatives of Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, founded in April 24, 1977, organized supporter of Clube de Regatas do Flamengo, with a temporal cut from 1977 to 1985. For that, from the review of the sources, that includes since newspapers of the time until the application of OralHistory, using the trajectory of the historiography until the social approach of the organized supporters, aswell as the comprehension of the supporters as potential consumers and necessary elements to the show. Therefore, the presente study aim to relate the emergence of Raça Rubro-Negra and the purpose of renew the act of support with the Brasil conjuncture to think about the organized supporters as producers of culture and symbols.

Keywords: Raça Rubro-Negra; Flamengo; organized supporters; supporters.

* Graduada e mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). E-mail para contato: ju.nascimento13@yahoo.com.br.

Introdução

Fundado em 24 de abril de 1977, o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra é o objeto de estudo do presente trabalho. Ao partir dos pressupostos de compreensão do mencionado agrupamento torcedor enquanto elemento de um microcosmo da sociedade, entendo a importância de relacionar seu surgimento com a conjuntura da época: desmantelamento do milagre econômico¹ e reabertura política², no plano institucional, enquanto a esfera futebolística era permeada por questões relativas à desorganização das gestões do futebol³.

Desta forma, a Raça Rubro-Negra será trabalhada a partir de dois vieses: como forma de entender a História à luz de sua constituição, ao mesmo tempo em que uma de suas faces emerge: a perspectiva política. Isto é, como a Raça contribui para compreender o momento pelo qual atravessava a sociedade, mas também pensá-la como agente político de seu tempo, diferenciando-se do estigma de violência à qual está atrelada.

Para tanto, a pesquisa debruça-se na compreensão das práticas da então torcida organizada, que foi fundada com o pressuposto de colocar-se nas arquibancadas de maneira distinta do que já era praticado, tanto pelas torcidas uniformizadas quanto pelas Torcidas Jovens⁴. A segunda geração de associações torcedoras, as Torcidas Jovens, coloca-se no cenário das arquibancadas para além do apoio incondicional: sua grande demanda era a possibilidade de realizar críticas e manifestar-se contra uma má atuação do time ou contra as políticas estabelecidas pelas gestões dos clubes⁵. A Raça Rubro-Negra, por sua vez, ao definir sua distinção em relação às demais, tem como sua base a produção da festa e sua caracterização própria, o que pode ser visto no depoimento de seu fundador, Cláudio Cruz:

“[...] todo mundo antigamente assistia 45 minutos sentado, 15 minutos de descanso em pé e 45 minutos sentados. Hoje inverteu. O Brasil todo assiste o jogo 45 minutos em pé. Paga a arquibancada para sentar e fica em pé. Isso foi a Raça que fez. Para poder ficar em pé tivemos problemas com a PM, aí tivemos briga dentro, fui preso, fui detido, levado lá pra baixo, porque ficava em pé e o pessoal de cima começava a tacar coisa na gente”⁶.

¹ Período de crescimento econômico no Brasil à época da ditadura militar. Ver PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967 – 1973). In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil Republicano. Vol. 4. O tempo da Ditadura: Regime Militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

² ALMEIDA, Gelsom Rozentino. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil 1979-1989*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

³ HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Campinas: Vozes, 1997.

⁴ A distinção entre as gerações torcedoras podem ser vistas em HOLANDA, B. B. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

⁵ TEIXEIRA, R. da C. *Torcidas Jovens: símbolos e ritualização*. Rio de Janeiro: Esporte e Sociedade, n. 2, mar./jun. 2006.

⁶ COSTA, Marcel e VON KRÜGER, Pedro. *O Pulmão da arquibancada*. Brasil. Condomínio Filmes, 2013.

Por que uma torcida diferente?: a atuação nas arquibancadas e seus simbolismos

Elencada aqui como aspecto transformador da identidade da torcida do Flamengo, a Raça Rubro-Negra ganha destaque por sua perspectiva festiva. Tendo como proposta a mudança da forma de torcer, seus associados e fundadores afirmam terem inovado no sentido de passar a estar em pé durante todo o jogo, modificando a corporeidade e dando outra forma à presença torcedora, como a afirmação de seus símbolos. Além disto, a Raça Rubro-Negra pode ser vista como instrumento de pressão em uma conjuntura de crise econômica, uma vez que se insere no contexto de esgotamento do milagre econômico e é uma das lideranças da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, a ASTORJ. Essa entidade, por sua vez, foi criada com o objetivo de realizar greves, boicotes e protestos contra o aumento dos preços dos ingressos para os jogos de futebol no período da década de 1980. Em entrevista, Cláudio Cruz dá o significado da escolha dessa cor para simbolizar a torcida, além de demonstrar também a importância de uma facção organizada e do futebol para pensar política:

“E nós colocamos uma camisa vermelha. Era a única torcida organizada sem estar com a camisa de seu time. Era uma coisa pra ser agressiva. Agressiva no sentido da questão de luta, de luta sindical, de luta pelos seus direitos, de luta por tudo. E a Raça sempre foi voltada para o bem estar não só do torcedor mas do povo. Eu vou dar um exemplo muito grande que a maioria dos novos da Raça não sabe. Pra vocês entenderem o que é um grupo se formar, se juntar e lutar pelos seus direitos. Em determinado momento no futebol carioca, a federação carioca resolveu aumentar o ingresso, mas assim, absurdamente. E nós primeiro tentamos discutir, tentar dialogar com a federação, a Raça, para que aquilo fosse diminuído. Aquilo não tinha condição. E eles não aceitaram. Então tá bom, então nós vamos ter que partir pra outra forma de agir. Veio um Flamengo e Botafogo no Maracanã e eu conversei com todas as torcidas organizadas e eles também, do lado do Botafogo, era o Fernando que era da Unifogo na época, o Russão que estava sendo da Folgada ou tava na organizada. Eu falei “gente, a única forma de a gente abaixar isso daí é fazer com que isso daí faça água. Vamos todos, nesse Flamengo e Botafogo, vamos todo mundo pra geral e não vamos pagar arquibancada. Nós não vamos deixar de ver o jogo, mas nós vamos pra geral e dar um baque na renda.”⁷

O discurso dos membros e do fundador da Raça Rubro-Negra são extremamente valiosos no que diz respeito à reflexão da demanda discursiva desse grupo para a constituição de sua história. No entanto, outros relatos são incorporados para identificar as percepções de agentes que se situam além da arquibancada sobre os intentos da torcida.

O protagonismo da Raça Rubro-Negra pela perspectiva do espetáculo é evidenciada quando vence boa parte das categorias em disputas do concurso das torcidas do Flamengo, promovido pelo Jornal dos Sports, em 1980. A torcida ficou em primeiro lugar nos quesitos “A mais vibrante”, “a que tem mais componentes”, “a que tem melhor chefe”, “a mais criativa”, “a mais simpática”, “a de maiores bandeiras”, “a mais linda camisa” e “a que leva mais papel picado”. Ficou de fora do prêmio apenas em “a mais linda faixa”, “a de nome mais original” e “a de mais

⁷ Cláudio Cruz. *Em entrevista, Cláudio Cruz, fundador da RAÇA diz: #ELENAO*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=s9J4oDt960Y&t=462s>> Acesso em: 19 de dez. 2018.

linda bandeira”, estando presente no pódio nas categorias “a mais fiel”, “a de melhor bateria”, “a de maior número de bandeiras”, “a mais organizada” e “a mais famosa”⁸. No entanto, essa presença distinta não é percebida apenas na relação torcedor-torcedor, mas alguns relatos presentes no documentário “O Pulmão da Arquibancada” demonstram uma união e relevância da Raça para com o clube e seus jogadores. Andrade, ex-jogador do Flamengo e treinador campeão brasileiro com o clube em 2009, expôs essa relação:

“Existia uma química muito grande entre a Raça e o time dentro de campo. Acho que essa combinação é que trouxe grandes resultados para a história do Flamengo. Em dados momentos do jogo a torcida faz a diferença, né? É aquele momento em que você tá em desvantagem, às vezes você tá vulnerável e a torcida, ela te levanta, né? Te levanta, te empurra, mexe com teu emocional, e às vezes ela muda jogos que pareciam impossíveis.”⁹

Além de Andrade, Zico, maior ídolo da história do Clube de Regatas do Flamengo, relato presente na introdução da revista com os relatos das viagens de Moraes¹⁰, também demonstrou sua afeição:

“Tóquio, dezembro de 1981. O Estádio Olímpico estava tomado pelos japoneses. Os ingleses do Liverpool entraram em campo soberbos, imponentes. Certos de que sairiam dali campeões do mundo, interclubes. Estavam enganados. Nós, do Flamengo, sabíamos da nossa força técnica e, sobretudo, da nossa raça. Respeitávamos os representantes da Rainha – e só. Tínhamos ao nosso lado, lá em cima, na arquibancada, uma torcida de peso, que estendeu uma faixa preta e vermelha com a seguinte frase em letras brancas: “RAÇA RUBRO-NEGRA”. Longe de casa, nos sentíamos honrados e sensibilizados. Aquele pequeno grupo representava a imensa torcida do Flamengo. Nosso coração bateu forte. Ali, os ingleses começaram a perder o jogo. Vencemos por 3 a 0 e demos um show de bola. Os japoneses deliravam e nos aplaudiam de pé. A faixa da Raça Rubro-Negra tremulava. E tremulou por 18 anos nas mãos de Moraes e seus fiéis companheiros de arquibancada: no Maracanã, em São Paulo, por todo este Brasil afora e também por diversos campos do exterior. A Raça Rubro-Negra esteve presente, ao nosso lado, em mais de 40 países.”

Pensar os torcedores pelo viés do engajamento alarga as fronteiras das características referentes a esses indivíduos. Ao inferir que as torcidas organizadas são microcosmos da sociedade, é possível aprofundar as reflexões a respeito desses grupos, por entender que a vida cotidiana dessas pessoas não se dissocia do seu ser torcedor. Logo, as características presentes em uma torcida organizada não são isentas das influências externas a elas – embora não sejam definidas apenas por questões conjunturais –, apontando para uma formação de identidade pessoal e torcedora interseccional.

Esse estilo de vida, no entanto, adquire sentido maior quando inserido no contexto do futebol espetacularizado. Recuperando Ronaldo Helal e Cesar Gordon¹¹, os autores abordam a crise pela qual o futebol foi atravessada para pensar de que modo o torcedor servia à lógica do mercado. Como apontado pelos autores, uma das medidas tomadas à época foi a incorporação

⁸ Jornal dos Sports, 10 de agosto de 1980.

⁹ COSTA, Marcel e VON KRÜGER, Pedro. *O Pulmão da arquibancada*. Brasil. Condomínio Filmes, 2013.

¹⁰ DE MORAES, Francisco Albertino e NASCIMENTO, José Carlos. Revista “Raça Rubro-Negra: uma torcida diferente”. RJ, 1996.

¹¹ HELAL, Ronaldo e GORDON, César. *A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI*. In: ECO-PÓS – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

de modelos gestacionais de clube, inferindo na transformação da ótica sob o torcedor, que não é apenas mais visto como elemento da festa, mas também pela perspectiva mercadológica.

O torcedor fiel¹², característica das torcidas organizadas que, embora realizem protestos estão sempre presentes, pela matriz da modernização do futebol, passa a ser analisado pelo mercado por dois vieses: pela produção de lucro, com o auxílio e produção do espetáculo das arquibancadas, mas também enquanto consumidores potenciais, pela obtenção de ingressos e produtos do clube. Esses debates são interessantes inclusive para refletir sobre a relação do clube com os modelos de torcer, sendo cabíveis ou não de acordo com a apropriação necessário ao momento. No entanto, não é cabível compreendê-los apenas por uma lógica de passividade, uma vez em que os próprios torcedores demandam o discurso de produtores do espetáculo e se sentem essenciais para o clube ao qual estão vinculados. A concepção apontada aqui pode ser evidenciada no depoimento de duas torcedoras pertencentes à Raça Rubro-Negra, também na coluna Bate Bola do Jornal dos Sports:

“Raça rubro-negra, que motivos tornaram tão fácil amá-la? Nosso objetivo principal não é promover a Raça pois esta já é a maior torcida organizada do Brasil. Mas não é possível nos omitir diante de sua incomparável grandeza, sem que façamos elogios mais do que merecidos a esta maravilhosa torcida. Há uma pergunta no ar: por que te amamos tanto? Que força é essa que tens, que arrasta contigo mais de 3 mil fiéis que seguem piamente tua religião? Talvez porque inspiras amor e devoção ao Flamengo, que reflete em toda a grandeza um sinal de luta. Uma torcida se faz com muita luta, e como nós lutamos para te erguer neste patamar alto em que te encontras. Quantas opressões! Quantas alegrias! E a descrença dos que jamais acreditaram na Raça? É claro Raça querida, que faríamos tudo de novo, sofreríamos tudo de novo, sim porque hoje somos felizes e nos sentimos recompensados por ver você, Raça, brilhando onde o Flamengo estiver brilhando, porque hoje você é entre todas a mais famosa a mais vibrante, a mais querida do mais querido. Sentimos em você a imortalidade, assim como é imortal aqueles que te iniciaram. Sim, Cláudio e César: vocês são imortais na história das torcidas organizada de todos os tempos. Raça que, com o tremular de suas bandeiras, oferece-nos um espetáculo de delírio e emoção, com seu grito de guerra faz arrepiar aqueles que vestem o manto sagrado. Quem sabe um dia poderemos responder à pergunta que nos intriga: que motivos tornaram tão fácil amá-la? Quem sabe um dia...”¹³

A interseção entre conjuntura e torcida organizada alarga os horizontes temáticos para a análise, apontando para questões anteriormente vistas como negligenciáveis, mas que são potenciais para demonstrar temáticas interessantes ao pesquisador. Mais que isso, a demonstração do sentimento de pertencimento que esses torcedores criam explicitam o quanto, a partir do vínculo intrínseco com a Raça Rubro-Negra, são contemplados e concebidos enquanto agentes históricos. Para tanto, é necessário expor as relações estabelecidas, que não são diretas, mas apropriadas, entre Raça Rubro-Negra e conjuntura.

Em fins dos anos 1970, o milagre econômico do regime militar demonstrou suas fragilidades, que foram visualizadas de forma mais latente no decênio seguinte. Para além disso, esses anos ficaram marcados por manifestações sociais que reivindicavam participação política

¹² GIULIANOTTI, R. *Fanáticos, seguidores, fans e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol*. Revista de História Do Esporte, v.5, 2012.

¹³ Jornal dos Sports, 10 de agosto de 1980

bem como a campanha pela Anistia, que teve sua lei aprovada em 1979. Em sua obra intitulada “História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989”¹⁴ sobre a conjuntura abordada aqui, Gelsom Rozentino de Almeida aponta para uma corrente historiográfica mais íntegra a respeito do processo de transição política e de crise econômica. O autor aponta para a agência de dois grupos distintos, mas que contribuíram para tal: de um lado, a população manifestante insatisfeita com o regime ditatorial e de outro lado os próprios militares que, ao perceberem a falência de seus governos, promoveram a tal transição gradual, lenta e segura. Dessa forma, é possível perceber a conjuntura complexa relativa à economia, que tem índices inflacionários altíssimos, assim como se deve valorizar a efervescência de mobilizações populares de setores insatisfeitos com o governo. Tendo em vista o cenário conturbado do final da década de 1970, torna-se necessário ponderar sobre tal para realizar análises sobre determinados grupos sociais, posto que essa condição reverbera em suas realidades, seja de forma direta ou não.

É nesse contexto em que surge, em 1977, o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra. Essa nova torcida organizada foi fundada com o pressuposto de atuar nas arquibancadas de maneira diferente do já praticado e manifestado. Criada por membros da antiga e extinta Flamar e também por alguns ex-integrantes da Torcida Jovem Fla¹⁵, a Raça, antes mesmo de estar presente nos estádios, já dava indícios de uma postura diferente. Claudio Cruz, seu principal fundador, espalhou por todo o Maracanã cartazes indicando a chegada de algo que se intitularia “Raça”. A criação de expectativa e instigação da curiosidade possibilitou a constituição de base sólida para a existência desse movimento. Elencada aqui como aspecto transformador da identidade da torcida do Flamengo, a Raça Rubro-Negra ganha destaque por sua perspectiva díspar. Tendo como proposta a mudança da forma de torcer, seus associados e fundadores afirmam terem inovado no sentido de passar a estar em pé durante todo o jogo, modificando a corporeidade e dando outra forma à presença torcedora.

É por essa matriz de análise que Bernardo Buarque de Hollanda, em sua tese de doutorado¹⁶, analisa a emergência das Torcidas Jovens no final da década de 1960: o surgimento de um novo modelo de torcer se relaciona com as conjunturas nacionais e internacionais, em um momento de efervescência cultural pautada no chamado Poder Jovem do ano de 1968. Característica das manifestações sociais de contestação, os processos da década de 1960 são ressonantes nessas facções torcedoras, que justificam sua criação pela demanda do direito de protestar contra os dirigentes e o que for cabível, sem abandonar o apoio e a festa produzida na arquibancada. A Raça Rubro-Negra, objeto da presente pesquisa, insere-se no grupo de torcedores de finais da década de 1970, momento histórico de desmantelamento do chamado milagre econômico e também de luta pela Anistia. Ou seja, a abordagem das facções torcedoras

¹⁴ ALMEIDA, Gelsom Rozentino. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil 1979-1989*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

¹⁵ Grêmio Recreativo Cultural Torcida Jovem do Flamengo, fundado em 6 de dezembro de 1967.

¹⁶ HOLANDA, B. B. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

enquanto elementos constituintes da sociedade ultrapassa a percepção única de marginalização proveniente da violência, mas alcança um patamar de complexificação que abre espaço para novas análises e uma compreensão mais profunda.

Pela matriz da confluência entre esses grupos e a conjuntura, a figura do torcedor é alargada também para a reflexão de suas redes de relacionamento, elemento de importância presente no *Jornal dos Sports* como veículo de comunicação ao servir como porta-voz dos torcedores, o que é essencial para a pesquisa. Esse vínculo entre *Jornal dos Sports* e torcedores, que têm como expoente as colunas “Bate Bola” e “A voz da galera” aponta para uma abordagem midiática que ultrapassa a menção a esses personagens apenas em eventos violentos, mas sim de valorização da própria torcida, de canal de comunicação, convite para a integração à facção, além de brincadeiras com os rivais. Tendo esses espaços de comunicação, é possível cooptar os discursos e os intentos dos torcedores da facção torcedora, analisando suas práticas e estratégias, inclusive ao visualizar a divulgação da fundação da torcida.

O Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra foi pensado pelos dois irmãos Cláudio e César Cruz. Ex-integrantes da extinta torcida organizada Flamor, Cláudio, nome mais expoente dos líderes da Raça Rubro-Negra, justifica a criação de uma nova facção por querer renovar o espírito das arquibancadas rubro-negras. Em entrevista à *Exame*, Cláudio aponta para as bases do surgimento de sua torcida:

“Foi a paixão pelo Flamengo. Antes eu participava da Flamor, mas decidi sair porque não combinava comigo. Eu gostava de torcer de verdade, gritar, cantar, pular. E na Flamor era tudo mais calmo. Decidi criar uma torcida de apaixonados. Nós colocávamos faixas nos estádios dizendo “Vem aí o maior movimento de torcidas”. Era marketing e eu nem sabia. Seis meses depois, surgiu a Raça.”¹⁷

Ao datar o surgimento da Raça Rubro-Negra, percebe-se que é o momento em que, no Brasil, estava instalada uma ditadura militar, tendo como pano de fundo os movimentos pela anistia. Esse cenário, que expunha a derrocada do milagre econômico, demonstrou o que Helal e Gordon¹⁸ expuseram em seu artigo referente à crise do futebol na década de 1970. Quando tratam desse momento econômico no campo do futebol, os autores demonstram alguns pontos característicos dessa crise: falta de autonomia dos clubes, afastamento do torcedor dos jogos, aumento do preço dos ingressos e violência estão nesse diagnóstico. Nesse sentido, uma das incorporações discursivas dos integrantes da então nova torcida apontavam para a falta de fervor nas arquibancadas, numa tentativa de indicar uma espécie de desgaste da forma de torcer estabelecida até o momento.

Antes mesmo de surgir, a estratégia utilizada pelos fundadores, como já exposto acima no depoimento de Cláudio Cruz, foi a de espalhar cartazes ou elementos visuais para chamar a atenção dos torcedores de que algo novo, em breve, surgiria. Presente na demanda de memória a respeito do surgimento da torcida, seus torcedores concebem essa prática como uma espécie

¹⁷ Entrevista de Cláudio Cruz concedida à revista *Exame* em 16 de junho de 2013.

¹⁸ HELAL, Ronaldo e GORDON, César. *A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI*. In: ECO-PÓS – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

de marketing ou propaganda. No sítio eletrônico da Raça, no tópico “História”, essa prática é mencionada:

“Em um período aproximado de 06 meses após o afastamento de ambos, uma onda de propaganda que envolvia desde cartazes espalhados pelo Maracanã até anúncio em rádio e pequenas notas nos jornais da época, anunciavam que estava prestes a surgir O MAIOR MOVIMENTO DE TORCIDAS DO BRASIL. Todos se perguntavam: o que seria isso? Quem estava por trás de tudo? Seria mesmo um movimento consistente ou mais uma dentre as dezenas de torcidas que surgiam e desapareciam algumas rodadas após sua fundação?”¹⁹

Essa ação, recuperada de forma aficionada pelos integrantes da Raça Rubro-Negra, pode ser vista também por um depoimento de Lúcio da Cruz, o irmão de Cláudio e fundador da torcida, na coluna Bate-Bola do Jornal dos Sports, em dezembro de 1976. Antes de mais nada, é essencial expor a função do Jornal dos Sports, de Mário Filho desde 1936, para o futebol: tornou-se um veículo de comunicação entre esporte e torcedores, que viam nessa coluna uma forma de se expressarem, além de fomentar uma sociabilidade a partir dessa interlocução. E foi essa a estratégia formulada pelos irmãos Cruz ao incentivar, antes mesmo de a torcida existir, a adesão de torcedores à Raça Rubro-Negra:

“Há algum tempo, a torcida do Flamengo precisa reviver os tempos áureos de maior e também melhor torcida do Brasil. Sabedores dessa necessidade é que nós torcedores de amor, fibra e muita raça rubro-negra, estamos organizando aquele que já, na presente data, é o maior movimento de torcidas do Brasil. O grupo que se propõe a reativar esse vulcão, chamado torcida do Flamengo, é um grupo realmente fortíssimo. Composto por rubro-negros do mais alto nível de amor às suas tradições. A idéia está lançada. O movimento está nas ruas, e dentro em breve estará nas arquibancadas fazendo com que os antigos rubro-negros revivam o prazer de serem os maiores e também os melhores. Fará, também, com que aqueles que ainda não viram, tenham o prazer de vê-la linda, magistral e, que é mais importante, rubro-negra dos pés à cabeça. Ela realmente está chegando. 77 será o ano “D”. Vem aí a Raça Rubro-Negra (o maior movimento de torcidas do Brasil). Aguardem. (Lúcio da Cruz – RJ).”²⁰

O cruzamento das mencionadas fontes aponta para o intento de tentar ressignificar as práticas torcedoras, mas instituindo novos modelos de fazê-lo para, de fato, transformar a arquibancada e remodelá-la. Conceber a Raça Rubro-Negra como torcida diferente, tendo como dispositivos para tal suas práticas, sejam elas visuais ou corporais, demonstra o tipo de presença distinta que se encontra em seu ambiente.

A Raça Rubro-Negra, enquanto objeto de pesquisa, oferece-nos base para pensar sobre as “maneiras de fazer”²¹, tendo como pano de fundo as questões identitárias. A torcida de festa enquanto categoria nativa reverbera na percepção subjetiva dos sujeitos de se entenderem não apenas como fundamentais para a construção de uma cultura de arquibancada, mas também enquanto porta-vozes de demandas políticas para seu meio.

Na coluna Bate-Bola, do Jornal dos Sports, Roberto Xavier e Cristina, que se identificaram enquanto autores do texto e membros da Raça, escreveram um relato cujo título foi

¹⁹ Sítio eletrônico da Raça Rubro-Negra. História. Disponível em <<https://www.racarubronegra.com.br/hist%C3%B3ria.html>>. Acesso em: 19 de dez. 2018.

²⁰ Jornal dos Sports, 11 de dezembro de 1976.

²¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

“Flamengo é cultura – final”²². A percepção desses atores sociais enquanto pertencentes a algo que produz – ou é – cultura corrobora para o reconhecimento deles mesmos como agentes ativos.

A relação entre a escolha do vermelho para a Raça Rubro-Negra em um momento em que a ditadura militar esteve instaurada, e buscando o significado da cor nas lutas sociais é uma das reflexões sobre o quanto os componentes de uma torcida não estão alheios aos eventos que atravessam a sociedade, mas que também são impactados. A conjuntura do milagre econômico teve ressonância no âmbito do futebol, quando os preços para as partidas foram elevados. Ao se posicionarem para lutar contra essa situação²³, tendo como elemento basilar uma questão social apontada nas entrevistas de Cláudio Cruz, depreende-se as ações promovidas pelas torcidas organizadas em conjunto enquanto forma de pensar em seu posto de ator social. Os simbolismos da Raça Rubro-Negra pela perspectiva de luta também podem ser vistos em seu escudo. De início, o intento era o de haver um punho rompendo correntes em alusão ao movimento negro, mas com receio de serem mal interpretados, mantiveram apenas o punho que, posteriormente, com o advento das caravanas, foi transformado em punho cerrado – símbolo de torcida – saindo do mapa do Brasil.

Essas representações não podem ser ignoradas. Até hoje o fato de a camisa da Raça Rubro-Negra ser vermelha é recuperada por seus componentes, como na música da torcida, que chamam de “grito de guerra”²⁴: “Somos casacas vermelhas / Com moral e vibração / Nós somos da torcida / A mais temida da nação / Somos fogo em movimento / No combate aproximado / Nós fazemos o inimigo / Pedir perdão por seus pecados / Procede, lidera, Raça Rubro-Negra! Eu sou...”. Ao analisar as músicas, parte constituinte dos simbolismos da Raça Rubro-Negra, é possível extrair mais um elemento expoente desse grupo organizado: a masculinidade. Abordado por Rodrigo Monteiro em sua obra²⁵, a predominância é de homens nos grupos torcedores. Isto posto, perceber a virilidade explícita nessas canções, que incitam a violência, representa a relevância de investigar essas facções torcedoras, suas raízes e suas principais características, sendo ferramenta para compreensão inclusive de macrocosmos. Um exemplo disso é a última página da revista a respeito da Raça Rubro-Negra aqui utilizada como fonte. Ao escreverem suas biografias – a torcida foi produzida por Francisco Albertino Moraes e José Carlos Nascimento – nota-se uma relação entre a própria identidade vinculada tanto ao Flamengo quanto à Raça ao tratar de Moraes: “A revista tem mais de 76 páginas da minha vida; ele é a própria biografia. Pra que mais?”²⁶. Sendo a revista toda pautada nos relatos viajantes, tendo como protagonista o

²² Jornal dos Sports, 23 de fevereiro de 1979.

²³ TEIXEIRA, Leonardo Antonio de Carvalho. *Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)*. Rio de Janeiro: 2014.

²⁴ Raça Rubro-Negra. Músicas. Disponível em <<https://www.racarubronegra.com.br/m%C3%BAasicas.html>> Acesso em: 19 de dez. 2018.

²⁵ MONTEIRO, R. *Torcer, lutar ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!: Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

²⁶ DE MORAES, Francisco Albertino e NASCIMENTO, José Carlos. Revista “Raça Rubro-Negra: uma torcida diferente”. RJ, 1996.

próprio Francisco Albertino Moraes, interligados com a aproximação e introdução à Raça Rubro-Negra, a então torcida organizada torna-se potencial ferramenta para compreender também identidades pessoais, já que a de Moraes, como o próprio aponta, é forjada a partir de sua relação intrínseca com a facção.

Conclusão

A Raça Rubro-Negra, em sua proposição de emergir enquanto torcida diferente, oferece-nos novos olhares para as possíveis temáticas no âmbito acadêmico. Marginalizada e criminalizada, assim como as demais torcidas organizadas, na sociedade, o aprofundamento nos estudos sobre o então objeto de pesquisa é uma empreitada com intento de romper com o estigma da violência praticada por seus membros. O surgimento da Raça Rubro-Negra e sua consolidação junto à figura de Cláudio Cruz até 1985 simboliza o grande objetivo da pesquisa: a torcida organizada é, também, agente histórico produtor de cultura. A ressignificação das arquibancadas do Flamengo, reconhecida inclusive pelos mais ilustres jogadores do clube, pensadas a partir dos torcedores organizados enquanto produtores do espetáculo, reflete as possibilidades de pensar tanto pelo viés do micro, mas também para uma esfera mais ampla, como a conjuntura da ditadura ressonante na fundação e constituição dos símbolos da Raça.

Artigo recebido em 30/06/2019
e aprovado para publicação em 07/11/2019